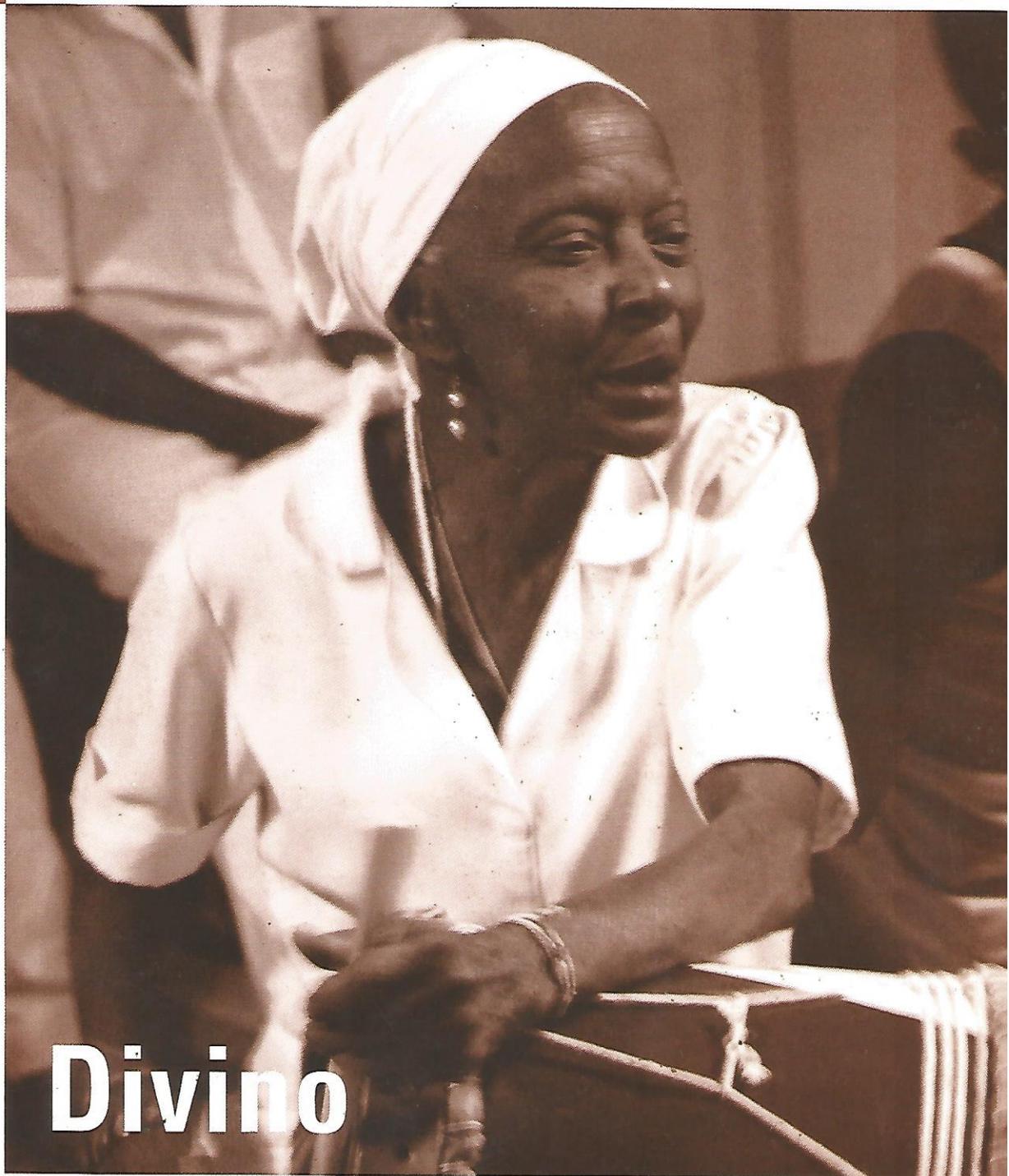


9

série encontros
e estudos



Divino

toque do Maranhão

Ministério da Cultura
Gilberto Gil Moreira

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Presidente
Antônio Augusto Arantes Neto

Departamento do Patrimônio Imaterial e Documentação de Bens Culturais
Diretora
Marcia Sant'Anna

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
Diretora
Claudía Marcia Ferreira

Divisão Técnica
Lucia Yunes

Setor de Pesquisa
Ricardo Lima

Setor de Difusão Cultural
Lucila Silva Telles

Revisão
Maria Helena Torres
Mehane Albuquerque Ribeiro

Projeto gráfico
Maria Rita Horta e
Larissa Pschetz

Fotos
Francisco Moreira da Costa

Projeto Celebrações e Saberes da Cultura Popular

4ª Fase (2004/2005)

Coordenação
Letícia Vianna

Inventário da Festa do Divino Maranhense no Rio de Janeiro

Coordenação:
Luciana Carvalho

Pesquisadores:
Carla Rocha Pereira
Wilmara Figueiredo

Assistente de pesquisa:
Maria Beatriz Porto

Apoio técnico:
Faperj e Museu da República
– *Cultura Republicana e Brasilidade*

Patrocínio:
Petrobras/Lei de Incentivo à Cultura

D618

Divino toque do Maranhão / organização de Luciana Carvalho – Rio de Janeiro : IPHAN, CNFCP, 2005. 96 p. – (Encontros e estudos; 9)

ISBN 85-7334-023-1

1. Festas religiosas – Brasil. 2. Festa do Divino Espírito Santo – Brasil. I. Série.

CDU 291.36(81)

Sumário

Apresentação	5
Cultura popular e relações de poder nas comemorações do Divino Espírito Santo no Rio de Janeiro do século XIX <i>Martha Abreu</i>	7
Festa do Divino no Maranhão <i>Sergio F. Ferretti</i>	23
O Divino, as caixeiras e o futuro ninguém sabe o que será... <i>Marise Barbosa</i>	33
Dramatizando a identidade <i>Cáscia Frade</i>	49
O espaço da festa: reflexões sobre a celebração do Divino Espírito Santo na Colônia Maranhense no Rio de Janeiro <i>Carla R. Pereira</i>	57
As caixeiras viajantes e a migração da pomba branca: aspectos da Festa do Divino Espírito Santo do Terreiro Cazuá de Mironga em Seropédica – Rio de Janeiro <i>Wilmara Figueiredo</i>	73
A folia continua: vida, morte e revelação na Festa do Divino de Pirenópolis, Goiás <i>Felipe Berocan Veiga</i>	83

A folia continua: vida, morte e revelação na festa do Divino de Pirenópolis, Goiás¹

Felipe Berocan Veiga

Mestre em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Professor do Instituto de Humanidades – IH da Universidade Candido Mendes (UCAM)

*A gente morre é para
provar que viveu.*

(João Guimarães Rosa)

Ao mesmo tempo em que celebra a vida com entusiasmo, a festa do Divino Espírito Santo traz também a presença da morte e a saudade dos que já foram. Por vezes, vida e morte se conjugam no âmbito de uma mesma celebração, reunindo as emoções da folia e do funeral, ou seja, toda a dimensão agonística da existência humana.

Foi exatamente o que aconteceu no episódio da morte do *alferes*² Otávio de Moraes em plena entrega das bandeiras ao *imperador* da festa do Divino, em 1994, comovendo a população e os visitantes da cidade histórica de Pirenópolis, GO, e reinventando os significados coletivos da morte e da vida em festa como “missão a cumprir”. O fato imponderável e a seqüente *performance* do cortejo fúnebre do alferes com elementos rituais da *folia* e do *império* foram registrados pelas câmeras e exibidos nacionalmente em reportagem de televisão. Ao desvanecer fronteiras entre elementos opostos e distanciamentos demarcados, revelou-se a alta capacidade de síntese dos ritos.

A morte na folia-do-divino transcendeu polaridades e hierarquias constituídas e se enquadra na teoria antropológica de Marcel Mauss (1974:180-181), que via no caráter agonístico do dom uma ambigüidade essencial das trocas, de tipos e níveis diferentes. A noção de “fato social total” se propõe a recuperar uma dimensão totalizadora dos fenômenos sociais, sem excluir, contudo, a apreensão das “próprias coisas sociais, no concreto, como elas são”. Assim, a partir de um evento específico, analisaremos as totalidades ali enfeixadas e as comparações possíveis para uma compreensão estrutural de seus significados sociais e implicações rituais e simbólicas.

O improvável a olhos vistos

As folias-do-divino abrem as celebrações da trama espetacular de ritos que se desenrolam na festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, durante os meses de maio e junho. Têm o caráter de convocatória para a grande festa na cidade, estendendo os domínios do sagrado sobre o meio rural (*folia da roça*) e a periferia (*folia da cidade*). As folias dramatizam uma série de regras de hospitalidade entre “os de casa” e “os de fora”, atribuindo distintos papéis rituais a anfitriões e hóspedes – no caso, os *foliões*.

O símbolo focal da folia é a *bandeira do Divino*, vermelha com a pintura de uma pomba branca voando ao centro, de onde sai um resplendor de raios amarelos cercados por nuvens brancas, condensando, em um *sacra*, os símbolos bíblicos da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade – as línguas de fogo, a pomba, os raios de luz e o sopro vital. Na folia da roça, formada por mais de 300 cavaleiros, que durante oito dias percorrem fazendas da região – os chamados *pousos* – dois alferes ou *foliões de guia* seguem à frente do grupo, portando as bandeiras sagradas e ocupando o topo da hierarquia ritual.

O alferes Otávio Francisco de Moraes, nascido em um pouso de folia, a Fazenda Mateus Machado, dedicou sua vida à festa e, com fé e espírito de liderança, reestruturou a folia da roça, na qual exerceu as mais diversas funções: de *tropeiro a músico*, depois *embaixador*, até chegar ao posto máximo, por sucessivos anos. Dizia-se que, ainda menino, fora prometido ao Espírito Santo por sua mãe. Sua esposa, dona Rosa, era quem contava a história desse batismo, revelando a intimidade entre o alferes e o sagrado: “O Divino era o verdadeiro padrinho de Otávio”.

Em 1994, depois de conduzir a folia, uma vez mais, em seu longo *giro* a cavalo pelas fazendas, e minutos após cumprir a solene *entrega das bandeiras* ao imperador da festa na cidade, sua última obrigação ritual, Otávio morreu diante dos olhares atônitos de seus companheiros e do povo que assistia à *chegada da folia* pelas ruas.

Por um grande acaso, uma equipe de jornalismo do programa Globo Rural³ estava acompanhando a festa e registrou o episódio imprevisto, produzindo uma reportagem especial de 35 minutos, tornando-se o registro vivo de um fato notável e excepcional, fonte de narrativas e da memória sentimental da cidade. A matéria foi ao ar em junho do mesmo ano, sendo apresentada em diversas retrospectivas, figurando entre as melhores reportagens já produzidas pelo programa.⁴

A equipe não estava em Pirenópolis para fazer a cobertura jornalística de um funeral, como é comum ver-se na televisão, mas para registrar uma grande e alegre celebração. Diante do inusitado, no entanto, não ficou – e nem poderia ficar – indiferente. Afinal, quem havia falecido não era só um personagem importante da festa, mas o próprio guia da reportagem em campo, que havia acabado de conceder uma entrevista e abraçado o repórter. Otávio era uma autoridade em folia, dotado de grande capacidade de exegese e conhecimento festivo, e cabia a ele esclarecer aos jornalistas, com graça e persuasão, o enredado processo ritual do qual era um dos protagonistas.

A morte tomou de assalto a todos, desvanecendo fronteiras entre observadores e observados, e desestabilizou a distância entre ambos, na condolência e na solidariedade. Assim, o Globo Rural teve a sensibilidade de expressar – e pôde mesmo experimentar – as emoções da festa e do funeral, a celebração entusiástica da vida e o pranto copioso diante da morte, em um grande caleidoscópio de ritos e símbolos que se agregaram em um só.

O toque grave do *caixeiro* da folia durante o cortejo fúnebre conduziu o povo até o cemitério, que de marcha ritmada aos alegres cavaleiros converteu-se em toque de silêncio. A *coroa* e o *cetro* de prata do imperador também foram destacadamente conduzidos pelo séquito, como durante as procissões do Divino na cidade. A formalidade e a emoção do cortejo fúnebre chegaram ao ápice na passagem pela entrada

do cemitério, com as bandeiras do Divino sobre o caixão e os versos improvisados de despedida, cantados pelos músicos da folia:

O Divino Espírito Santo

Que desceu de lá do céu

Recebe o corpo de um irmão

Que trabalhou como um fiel.

Enquanto cantavam, os foliões enxugavam as lágrimas, que facilmente chegam também aos olhos dos espectadores da matéria de tevê, criando imediata empatia com o público. A reportagem especial teve grande receptividade, tanto pela crítica especializada, que a premiou como a melhor reportagem da Rede Globo daquele ano, quanto pela população local. Muita gente em Pirenópolis relembra a grande comoção causada pela primeira vez em que ela foi ao ar, menos de um mês após a morte de Otávio.

O registro da morte do alferes, na memorável festa de 1994, tornou-se um documento de grande valor para a memória da cidade. Fitas cassetes com o programa gravado foram e continuam sendo comercializadas entre os moradores da cidade. Muitos devotos do Divino, quando narram tal morte inesperada, mencionam, antes de tudo, o programa de televisão, e não são poucos os foliões que, de tanto revê-la, recitam falas inteiras do protagonista e do narrador da reportagem, agora como narrativas míticas, como fórmulas ritualmente apropriadas. Mesmo dona Rosa, viúva de Otávio, que jamais ousou assistir à fita – embora conservasse consigo uma cópia – nas entrevistas sobre o caso fez referência à matéria, por sua grande repercussão e emoção transmitida.

Além da evidente identificação com o tema, o povo de Pirenópolis já era, assim como o de tantas outras cidades do interior do Brasil, fiel assistente do Globo Rural nas manhãs domingueiras, se reconhecendo no tom das reportagens. O próprio formato de jornalismo adotado pelo programa, de aproximação da equipe com o público, muitas vezes atendendo a cartas com sugestões e dúvidas, nos moldes do rádio, busca transmitir intimidade via satélite e sempre obteve ótimos resultados, criando um público cativo, o que assegura sua credibilidade e sucesso ao longo de 25 anos.

É importante destacar que uma identificação tão forte entre o objeto/público de uma matéria televisiva e o seu resultado final é um fenômeno singular na televisão brasileira. A festa do Divino já foi e continua sendo apresentada em diversos outros programas de tevê, muitos deles da própria emissora, como o programa de auditório *Domingão do Faustão* (1998)⁵ e a novela *Estrela Guia* (2001)⁶ sem, no entanto, demonstrar a mesma interação e o entendimento do universo local ou, até mesmo, sequer mantendo o mínimo e devido respeito com o modo de ser do outro e suas formas de devoção e diversão.

O aviso do Divino

Existe, entretanto, um fato importante que a reportagem do Globo Rural, na emoção dos acontecimentos, não registrou e que merece consideração. Há uma crença generalizada em Pirenópolis de que a súbita morte do alferes, em plena entrega da folia, não foi tão imponderável quanto pareceu para as lentes e olhares do “povo

de fora”. Para os foliões e devotos, a morte de Otávio foi anunciada a ele em público pelo próprio Espírito Santo durante a folia, exatamente um ano antes do ocorrido.

Os diferentes relatos, conhecidos e contados por todos em Pirenópolis, são unânimes e quase invariáveis. Em 1993, no derradeiro pouso, um fazendeiro soltou várias pombas para alegrar a despedida da folia rumo à cidade. Otávio estendeu sua mão à revoada e uma pombinha branca pousou sobre ele. O alferes interpretou o ato como um sinal, um chamado, e, dirigindo-se à pomba, travou um diálogo místico com o Espírito Santo em pessoa: pediu ao Divino que não o levasse naquela hora, que lhe concedesse só mais um ano de vida e de festa. No ano seguinte, na *saída da folia*, Otávio tinha uma convicção: não voltaria mais para casa. Sua certeza assustou dona Rosa e as pessoas mais próximas, que o repreenderam e reagiram a seus prenúncios de morte. Em vão: como num *script*, Otávio faleceu, na hora e do jeito que havia dito para que todos se preparassem.

Segundo Philippe Ariès (1987:9), anúncios como o de Otávio, da morte ao lado, avisos em sonhos e aparições revelam o “caráter maravilhoso dos presentimentos”, que na modernidade passaram a ser desqualificados como “superstições”. Outrora, a passagem para a morte era vista com familiaridade, posto que era pressentida. O autor escreve que “a morte comum, normal, não se apoderava, traiçoeira, da pessoa (...) ela dava tempo para ser percebida” (*id., ibid.:7*). Morrer na hora marcada, portanto, era visto como sinal de clarividência e de proximidade com o Divino. Essa era a atitude tradicional do homem diante da morte, contrária ao medo e recusa em aceitá-la, próprios de nossa sociedade. Assim, conforme os relatos de dona Rosa e dos foliões, Otávio previu seu fim com exatidão, pois dedicou sua vida ao Espírito Santo. Fato de difícil aceitação para muitos, mas não para ele, plenamente consciente de sua hora.

Seu companheiro Inácio, embaixador da folia, revelou em entrevista como a morte de Otávio passou a ser compreendida entre os foliões: “O Divino foi amoroso com Otávio ao conceder a ele a última hora. Ele tinha que entregar sua tarefa aqui na Terra”. As crenças na predestinação à fé como “missão a cumprir”, na comunicação direta com o sagrado e na infalibilidade do destino são as chaves de interpretação dos foliões para tudo aquilo que viram e viveram.

Jairo Bamberg, pesquisador de cultura popular, narrou a cena que assistiu e que o impressionou profundamente, entre os rituais de despedida de Otávio: ao chegar à cidade para assistir à chegada da folia, viu o cortejo dos foliões entregando, um a um, flores negras de papel crepom à dona Rosa, na porta de sua casa. Deu-se conta da morte do alferes pela força do símbolo, confirmado pelo gesto de luto. A viúva, ao ver seus olhos de espanto, somente acenou com a cabeça em silêncio, confirmando a morte do alferes para o viajante recém-chegado.

Outras mortes, outros tempos

Referências históricas são constantemente evocadas pela memória local, na tentativa de esclarecer as “origens” da festa do Divino, o que a remete à Idade Média – não somente à história de feitos grandiosos dos antigos reinados europeus, mas também a seu universo de costumes e crenças religiosas populares nesse tempo.

A recordação dos feitos heróicos de Carlos Magno e dos 12 pares de França, na dramatização das cavalhadas entre mouros e cristãos, bem como do mito da rainha

Santa Isabel e da coroação de um “imperador do povo” em Portugal, vincula, na visão de folcloristas e especialistas locais, as celebrações de hoje ao período medieval, em “uma viagem ao passado”, conforme seus atores gostam de afirmar e promover no folheto da programação.

A morte pressentida do alferes cristaliza suas virtudes morais e espirituais, transformando-o em modelo de conduta ritual e de devoção ao Divino. Sua postura serena é, também ela, semelhante à dos protagonistas do romanceiro medieval, objeto da análise de Philippe Ariès. Na Idade Média, a morte pública e anunciada, cercada de recomendações e despedidas, era motivo de honra, ao passo que a morte súbita ou clandestina era vergonhosa. “A morte de Rolando, a morte do cavaleiro, era considerada, tanto pelos clérigos como pelos leigos, como a morte do santo” (Ariès, 1987:14).

Rolando, um dos grandiosos pares de França, percebeu o fim da vida envolto em lembranças dos grandes feitos e conquistas ao lado do imperador Carlos Magno, os mesmos encenados durante as cavalcadas de Pirenópolis. Assim, em estado de aguda consciência e mergulhado em um mar de lembranças, no qual repassa toda sua existência, “Rolando sente que a morte está próxima, pelas orelhas afora se vai seu cérebro” (Jonin, 1979:236)⁷. O cavaleiro errante Dom Quixote de la Mancha também sente chegar sua hora quando retoma a consciência – e esse é o próprio sinal –, “porque a maior loucura que pode fazer um homem nesta vida é deixar-se morrer sem mais nem mais, sem ninguém nos matar, nem darem cabo de nós outras mãos que não sejam as da melancolia”. E assim diz seu epitáfio: “morreu: vejam que ventura, com siso vivendo louco!” (Cervantes de Saavedra, 1978:602-603).

Comparável à de outros cavaleiros ilustres, a “morte de santo” de Otávio transforma-se em lenda, ou seja, em “algo que deve ser lido”, uma das *formas simples* de se contar uma história que não se preocupa com os fatos, mas, sobretudo, com seu significado exemplar (Jolles, 1976: 30-59). Após a morte emblemática de seu Otávio, a reportagem do Globo Rural relembra uma *moda de viola* e prenuncia: “Essa não é a primeira vez que morre um folião no meio da festa. A presença da morte na folia-do-divino já está virando lenda. Também no sertão de Goiás, numa festa do Divino, morreu Chico Mineiro”.

O gênero musical-narrativo da moda de viola entoa narrativas dramáticas e histórias comoventes, com uma singular força de expressão. Chico Mineiro é personagem-título da moda de viola composta por Tônico e Francisco Ribeiro, sucesso na voz da dupla caipira Tônico & Tinoco desde 1945. Nesse clássico do gênero, sempre lembrado no repertório dos *pousos* de folia, igualmente se apresenta a dualidade complementar entre festa e morte. Chico Mineiro é assassinado numa festa do Divino e, diante do crime, o cantador-narrador finalmente identifica a razão de sua forte amizade, que julgava inexplicável, descobrindo que o companheiro de estrada era seu “legítimo irmão”. A temática das modas de viola faz os foliões se identificarem com a história e vice-versa, compondo um mesmo universo, no qual se amalgamam celebrações, viagens, mortes e revelações.

Outra morte inusitada em meio à “folia”, com a qual se pode traçar um paralelismo com a perda de Otávio em plena festa do Divino, foi a do compositor Pixinguinha, em pleno sábado de carnaval carioca, em 17 de fevereiro de 1973. Convidado a batizar o filho de um amigo na Igreja Nossa Senhora da Paz, em Ipa-

nema, o músico sentiu-se mal e deitou-se na sacristia. Era um enfarte fulminante. A Banda de Ipanema, sabendo da ilustre presença no bairro, armou um palanque na praça para lhe prestar uma homenagem. Quando souberam que ele havia falecido, puseram-se, com muita emoção, a cantar “Carinhoso” em coro.

Os biógrafos de Pixinguinha registraram as declarações, aos jornais da época, de um policial que evitou a invasão da igreja por curiosos e integrantes do bloco de carnaval: “Aquele homem era tão bom que teve a sorte e o merecimento de morrer na casa de Deus. E morreu como Cristo porque, quando ele fechou os olhos, começou a chover” (Silva & Oliveira Filho, 1998:186). Envoltos em sacralidade e mistério, entre sorrisos e lágrimas, morria um homem e nascia um santo – São Pixinguinha – e a melodia de “Carinhoso”, um samba-choro nada carnavalesco, foi definitivamente incorporada ao repertório da Banda de Ipanema, repetida todos os anos, a cada vez que ela passa pelo lugar, arrastando a multidão.

O mito renova o rito

Da “dança que precede a morte”, frase de efeito do apresentador da reportagem sobre a morte de seu Otávio, surge uma pergunta: qual o papel dos ritos na vida social, tratando lado a lado vida e morte, alegria e tristeza, em seus arquétipos aparentemente inconciliáveis?

Edward Bruner (Turner & Bruner, 1986:11) nos ensina que “os rituais não se baseiam em uma metáfora, mas em metáforas misturadas”. Ao se enriquecerem combinando elementos diversos, fazem com que a diferença se transforme, ela própria, em um novo sentido, total e único.

Essa alta capacidade de síntese é um dos principais atributos dos ritos, conferindo força criadora à complexa gramática de muitas festas reunidas em uma só. Victor Turner (1968:7) afirma que “mais importante é sua função criadora – ela de fato cria, ou recria, as categorias por meio das quais os homens percebem a realidade”. Sua possibilidade de reinventar-se é a chave para sua compreensão, pois, como conclui Wilhelm Dilthey (*apud* Turner & Bruner, 1986:38), “o tempo da consumação é também o tempo de se começar de novo”.

Dá a epígrafe de Guimarães Rosa, na qual a morte justifica a vida, motivando a memória, a homenagem, o reencontro e até mesmo a celebração festiva, ou seja, a continuidade da vida e da festa. A frase do grande escritor foi proferida em público em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em novembro de 1967, no qual ainda disse: “as pessoas não morrem, ficam encantadas”. Três dias depois da posse, por ironia do destino ou por encanto, repentinamente faleceu.

A figura de Augusto Matraga, seu protagonista no conto que encerra o livro *Sagarana*, traz a consciência plena de sua hora-e-vez. Nome que marca o renascimento humilde do poderoso Nhô Augusto, Matraga encarna a figura do herói renunciador e reinventa seu destino, conforme a análise sociológica de Roberto da Matta (1997: 334) sobre figuras emblemáticas que personificam e recriam os dilemas da sociedade brasileira. Assim, “decidido não mais voltar à ordem social, liberta-se do passado e abre as portas do futuro”.

A posição de Otávio é também a do renunciador, ritualmente traduzida pelos foliões em sua liminaridade, no abandono da vida cotidiana do giro da folia, em

contínuo movimento. Tal posição é ambigualmente complementar ao sistema, pois sua própria morte anuncia e reforça a vitalidade e o poder de totalização da festa do Divino. Nesse caso, a noção de indivíduo é especial, por sua posição privilegiada na estrutura hierárquica da festa como alferes, individualizado em um sistema totalizador, e, ao mesmo tempo, é comum, pois está sujeito, como todos os outros, às vontades do Divino; entre elas, a morte.

Em Pirenópolis, a folia da roça continua se reunindo anualmente na casa de seu Otávio, no chamado juntamento da folia, e faz a pomposa saída no dia seguinte, após um grande almoço oferecido por sua família.⁸ O número 27 da Rua do Rosário inscreveu-se definitivamente como um lugar ritual para os foliões, que, diante da crença na intervenção do Espírito Santo, viram na morte de Otávio um exemplo de devoção a seguir: “A festa tem que continuar”, disse seu Inácio no funeral. Um altar permanente guarda as bandeiras do Divino durante todo o ano e, sobre ele, e em vários quadros pelas paredes da sala, muitas fotografias do alferes vivificavam sua existência. Seu chapéu ainda está lá, pendurado em frente ao corredor que dá acesso à porta da frente, indicando a presença do dono da casa.

Na noite do *juntamento*, o embaixador Inácio, mestre litúrgico da folia, dá início à solenidade com a *bênção das bandeiras* e, em discurso de boas-vindas, relembra que maio chegou novamente, “tempo de estarmos todos juntos aqui mais uma vez”. Em seguida, abençoa os dois alferes e invoca proteção à alma de seu Otávio, “nosso pai e pioneiro da folia”. O sentimento de orfandade é compensado pela lembrança viva de seu espírito na casa onde viveu e reuniu tanta gente, e onde os músicos foliões pousam antes de seguir para as fazendas.

Assim, o início do ritual passa a ser vivido como o renascimento simbólico do folião de guia e do próprio grupo com uma unidade. A folia tornou-se metáfora da própria vida de Otávio, e seu ciclo passou a representar o nascimento, a morte e a ressurreição do alferes, na festa do ano seguinte. Sua morte, plenamente integrada à vida e à celebração, passou a fazer sentido pleno, sustentada pelo universo místico-religioso de seus companheiros, e sua memória foi efetivamente incorporada à estrutura do rito.

Por sua vez, a permanência do juntamento da folia na casa de Otávio também pode ser lida como um modo de reviver e reforçar a passagem do morto que, segundo Arnold Van Gennep (1978: 139), é marcada por “formas de agregação ao Divino”. Para a suspensão do luto e a conclusão dos ritos de passagem funerais, muitos povos realizam um verdadeiro festim. “As refeições consecutivas aos funerais e os banquetes comemorativos (...) têm por finalidade ligar novamente todos os membros de um grupo sobrevivente, e às vezes com o defunto, a corrente que foi quebrada pelo desaparecimento de um dos elos”.

Na saída da folia em 2000, uma dupla da vizinha cidade de Anápolis prestou homenagem ao falecido dono da casa. Florianinho & Marianinho compuseram a moda de viola “A Morte de Otávio”. A história cantada foi ouvida e dançada pelos foliões em forma de *catira*, intercalada por palmas e sapateado, com muito respeito e formalidade, comovendo a família do alferes e seus companheiros de viagem, nas condições de anfitriões e hóspedes do Divino. A narrativa se consolida como uma história exemplar para ser cantada durante a festa:

A MORTE DE OTÁVIO

(Moda de viola)

*Vou contar uma bela história
Que há tempo aconteceu
Lá na Fazenda João Pires
Onde o Otávio nasceu
Mil novecentos e vinte e dois
Foi que isso aconteceu*

*Com quatro anos de idade
Sua mãezinha perdeu
Fazenda Mateus Machado
Foi aonde lhe acolheu
Ali ele foi criado
Muita coisa ele aprendeu*

*Toda gente quando nasce
Vem traçado seu destino
Otavim desde criança
Foi devoto do Divino
Sendo folião de guia
Ele falava sorrindo*

*Com quinze anos de idade
Já era mestre de guia
Ele tinha autoridade
Todo mundo obedecia
Era o folião da frente
Quando a bandeira saía*

*Otávio era querido
Dos amigos folião
Também tinha todo apoio
Do Jaiminho e do Litão
Quando a folia chegava
Todos prestava atenção*

*Otávio quando cantava
Silenciava a multidão
O festeiro agradecia
Do fundo do coração
Eu via gente chorando
Com a bandeira na mão*

*Casa do Aquiles Fonte
Onde a folia pousou
O Divino Espírito Santo
Pra o Otávio Ele avisou
Veio em forma de um pombinho
E nos seus braço ele assentou*

*Mandado de Jesus Cristo
Que seu tempo já chegou
Na entrega da folia
Não teve quem não chorou
Nos braço do Doutor Tarso
Que o Otávio se acabou*

(Recortado)

*A morte foi muito ingrata
Que levou meu companheiro
Um bom mestre de música
Também um bom violeiro*

*Otávio era conhecido
No nosso Brasil inteiro
Ele era muito devoto
Do Divino verdadeiro
Com a morte do Otávio
Pirenópolis entristeceu
Uns chorava outros clamava
O grande mestre morreu*

*Alembrando do aviso
Que o Otávio recebeu
Ele entregou a folia
E na mesma hora morreu*

*Na saída do velório
Abalou a multidão
Tinha muitos cavaleiro*

*Acompanhando seu caixão
Lá dentro do cemitério
Teve muita oração
Dona Rosa aborrecida
Com a dor no coração*

*“Jaiminho como é que eu faço
Com a triste separação?
Perdi o meu companheiro
Um devoto folião”.*

Assim, a história de seu Otávio passou a ser mais do que lembrada em preces e agradecimentos pelos foliões. Sob a forma de moda de viola, cristalizou a história do alferes e deles mesmos em versos musicais, para ser cantada a duas vozes, dançada em grupo e solenemente rememorada por seus companheiros.

Mais de uma década depois de sua morte, Otávio continua integrando o intrincado regime de dádivas e contradádivas da folia-do-divino, no qual ele próprio, do nascimento à morte – ou, em outras palavras, de seu apadrinhamento pelo Espírito Santo no batismo ao *cantorio de entrega* de seu corpo no cemitério – encarnou

pessoalmente um “sistema de prestações totais” (Mauss, 1974:45), por meio dos ritos de passagem que marcaram sua entrada e saída no mundo social. Segundo a lógica dos devotos, em suas certezas e convicções, o pressentimento de sua morte e sua confirmação marcante no final da folia foram, também, dádivas de Deus, em retribuição a uma vida inteira dedicada ao Divino.

O espírito permanece

Na madrugada de 05 de setembro de 2002, o povo de Pirenópolis viveu uma tragédia de grandes proporções: o incêndio total da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Matriz de Pirenópolis, a primeira, maior e mais expressiva igreja colonial de Goiás, construída de 1728 a 1732. O fogo consumiu bancos, altares, retábulos, imagens e pinturas, derreteu o enorme sino de bronze, desabou o teto e destruiu o assoalho de madeira do piso no qual se sepultava, em tempos antigos, pessoas que marcaram a história da cidade. O fato foi noticiado nacionalmente pela televisão e pelos jornais.⁹

O lugar que atraía os visitantes e, mais do que isso, que era o motivo maior do orgulho local, cenário de toda a vida social e religiosa da cidade, dos ritos de passagem como batizados, comunhões, casamentos, celebrações de bodas e missas fúnebres, das festas do Divino, novenas e procissões, rapidamente desapareceu. Os três anos de igreja completamente restaurada, revivendo suas cores originais e recontando sua história, foram muito poucos para sua reincorporação completa à cidade.

O episódio trágico configurou-se como um autêntico *drama social* para a população da cidade (Turner, 1957:91-94), pela perda de seu símbolo maior e, ainda estarecida com o fato, pelas acusações recíprocas de responsabilidade entre representantes da paróquia e do Patrimônio Histórico – Iphan, dividindo opiniões e acirrando diferenças.¹⁰

Como se representasse a perda de um ente querido e ancestral, a morte do símbolo foi ritualmente marcada com uma missa de sétimo dia, quando uma procissão emocionada com imagens salvas do fogo pelos fiéis percorreu as ruas da cidade. A festa do Divino seguinte, em 2003, também incorporou a tragédia, com uma dramatização no campo das cavalhadas, apresentando uma miniatura de sua fachada em madeira com fogo por detrás e gritos de aflição. O clima foi de muita comoção entre os assistentes, que não esperavam uma abertura assim para as lutas festivas entre *mouros e cristãos*.

Tal como era feito nas obras durante o primeiro restauro, a nave central da Igreja tem recebido as apresentações da Banda Phoenix e dos *folgedos* das *pastorinhas*, da *contradança*, do *congo* e da *congada* nas obras de reconstrução, indicando, apesar do infortúnio, a permanência e a importância do lugar para as festas da cidade. Fotografias de diferentes celebrações realizadas na igreja formam um grande painel na exposição Canteiro Aberto, para que a história do monumento seja recontada e a gente do lugar se reconheça, revivendo momentos de felicidade.

Ao estudar a sociedade Ndembu e seus conflitos, na África Meridional, Victor Turner (1957:92) observou que havia certas regularidades que apontavam para um padrão estrutural das crises existentes. A partir de então, o autor identificou quatro

fases principais dos *dramas sociais* ali ocorridos, passíveis de observação: *ruptura*, *crise*, *compensação* e *reintegração*.

Em Pirenópolis, as lutas em vão contra o fogo e os sentimentos de perda e impotência diante das ruínas representaram uma *ruptura*, diante da destruição consumada pelo incêndio, algo que não tem mais volta. Acusações recíprocas de responsabilidade, alimentadas pela imprensa, dividiram a população e instalaram uma *crise*, diante do que poderia ter sido evitado. Um rito agonístico marcou o sétimo dia após a perda, com o desfile público das imagens salvas pela população, buscando uma forma de *compensação* aos sentimentos coletivos. Finalmente, novas apropriações do lugar pela festa agem como formas de *reintegração* do espaço ritual.

No entanto, é preciso observar que sua reintegração plena somente se dará após a resolução da crise que marca a reconstrução da igreja, entre refazer o que foi destruído “igualzinho era antes”, ou seja, produzir uma cópia *pastiche* da antiga Matriz, ou assumir a perda e recriar a estrutura interna do templo, dando-se conta dos próprios limites da arte em face das destruições. A questão, obviamente, divide opiniões em Pirenópolis e não será facilmente resolvida.

Tanto a incorporação da morte de Otávio quanto a da “morte” da Igreja Matriz podem ser, portanto, compreendidas da perspectiva do *drama social*, como uma forma reintegradora desse sistema complexo que faz a passagem entre vida e morte através do rito. De modo análogo à história do alferes incorporada à festa, a igreja destruída e gradualmente renascendo, com a recuperação da fachada e da cobertura, também está sendo reincorporada às celebrações do Espírito Santo em Pirenópolis, em um processo que conjuga intensa reflexividade, sentimentos arraigados e esperança ciclicamente renovada, transformando vida e festa em uma coisa só. Ou como dizem os versos da folia, cântados nos *agradecimentos de mesa*:

*Essa festa não se acaba, essa festa não tem fim
Mas se essa festa se acabar
Ai meu Deus, ai meu Deus
Ai meu Deus, que será de mim?*

Bibliografia

- ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. 2 v. (Ciências sociais). v. 1: p. 6-33.
- CERVANTES DE SAAVEDRA, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. Trad. Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Abril Cultural, 1978. 609 p.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 350 p.
- GENNEP, Arnold van. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978. 181 p.
- GLOBO RURAL. *O Melhor do Globo Rural*. São Paulo: Globo, 2005. (Globo rural ; v. 7). 16 p. Acompanha um DVD.
- JOLLES, André. *Formas simples: legenda, saga, adivinha, ditado, caso, memorável, conto, chiste*. São Paulo: Cultrix, 1976. 222 p.
- JONIN, Pierre (Ed.). *La chanson de Roland*. Paris: Gallimard, 1979. 437p. (Folio)
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974. v. 2.
- ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Record, 1984. 386 p.

SILVA, Marília Barbosa da; OLIVEIRA FILHO, Arthur L. *Pixinguinha*: filho de Ogum bexiguento. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998. 319 p.

TURNER, Victor W. *Schism and continuity in an African society*: a study of Ndembu village life. Manchester: Manchester University Press, 1957, 348 p.

_____. *The drums of affliction*: a study of religious processes among the Ndembu of Zambia. Oxford: Oxford University Press, 1968. 526 p.

_____; BRUNER, Edward (Orgs.). *The anthropology of experience*. Chicago: University of Illinois Press, 1986. 391 p.

VEIGA, Felipe Berocan. *A Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, Goiás*: polaridades simbólicas em torno de um rito. 220 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2002.

Notas

- ¹ Este trabalho é parte integrante da pesquisa desenvolvida pelo autor desde 1996 sobre a festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, Goiás, em níveis de mestrado na Universidade Federal Fluminense (PP-GACP-UFF, 2002) e de graduação na Universidade de Brasília (FAC-UnB, 1997). Agradeço à colega e amiga Renata Sá Gonçalves os comentários, de grande valia para a consolidação deste artigo.
- ² *Alferes* é um antigo posto militar do exército brasileiro nos tempos do Império, imediatamente inferior ao tenente. Era o porta-bandeira oficial em desfiles e batalhas, levando a bandeira na infantaria (a pé) ou o estandarte na cavalaria. Sua etimologia vem do árabe *Al-fárs*, “cavaleiro”.
- ³ Repórter Ivaci Matias e cinegrafista Francisco Maffezoli Jr.
- ⁴ Prova disso foi seu recente lançamento em DVD nas bancas de revista, em nova edição compacta, sob o título de “O Melhor do Globo Rural” (2005), em celebração aos 25 anos do programa.
- ⁵ Para uma inserção de um minuto e meio ao vivo no Domingão do Faustão, em meio à atração musical da dupla sertaneja Zezé de Camargo & Luciano, a equipe de produção interrompeu a chegada da folia da roça por cerca de uma hora. O apresentador mal-informado confundiu-se o tempo todo, chamando-a de *cavalhada*. Enquanto os cantores da cidade apresentavam seus sucessos no estúdio, os foliões em Pirenópolis esperavam o sinal para sua aparição-relâmpago. Esse demora interferiu drasticamente nas formalidades de entrega da bandeira ao imperador, que foram interrompidas para a celebração da *novena*, às 18 horas. A prepotência da equipe do programa revoltou muitas pessoas, que hostilizaram com palavras o diretor de produção à noite, em um bar na Rua do Lazer.
- ⁶ Embora contasse com a participação dos moradores da cidade na novela das seis, como figurantes e auxiliares de produção, a encenação da festa do Divino no mês de fevereiro foi um mero pano de fundo para o desenrolar de outra história, criada por Ana Maria Moretzsohn, e “não teve a mesma graça”, na opinião local. O enredo, por sua vez, marcava uma oposição caricata entre personagens *tradicionalistas* (maus) e *alternativos* (bons), ou seja, entre os *locais* e os *globais*, o que desagradou muita gente. A consequência maior da exibição diária de Pirenópolis em horário nobre foi um súbito crescimento de um turismo de massa que a cidade não tinha condições de comportar.
- ⁷ Tradução livre para os versos “*Ço sent Rollant que la mort li est près/ Par les oreilles fors s’e ist li cervel*”, do texto original em Provençal (*Chansons de Roland*, CLXVIII).
- ⁸ Mesmo após a morte de dona Rosa de Moraes, em 2000, e com a indefinição sobre o destino do imóvel entre os herdeiros do casal, verificada em campo em 2005.
- ⁹ “Rosário de dor”, matéria de capa de *O Popular*; “Fogo destrói 270 anos de História”, capa de *O Diário da Manhã*; ambos os jornais de Goiânia; “A História virou cinzas”, capa do *Correio Braziliense*; “Incêndio destrói igreja do século XVIII em Goiás”, capa de *O Globo*. Matérias publicadas em 06 de setembro de 2002.
- ¹⁰ Noticiada pelos jornais em 07 de setembro de 2005: “Perícia acha botijão de gás na igreja destruída”, manchete de capa de *O Popular*; “Fogo na Matriz teve início na sacristia”, no *Diário da Manhã*, capa do caderno Cidades; e “Tragédia anunciada”, no *Correio Braziliense* (Cidades, p.4).